



A possessão como ambivalência colonial: identidade e resistência na religiosidade africana em *O outro pé da sereia*.

Silvio Ruiz Paradiso*

Resumo: A religião, os processos místicos e a religiosidade no contexto pós-colonial colaboram para sustentar a ambivalência da colonização entre o grupo dos colonizadores e dos colonizados e, respectivamente suas divindades (brancas e negras). É nessa ambivalência que o romance *O outro pé da Sereia* (2006), do moçambicano Mia Couto, descortina-se como um reflexo da multiculturalidade e das manifestações sincréticas. Neste processo observamos, a partir de Fanon (1961), que a possessão enquanto fenômeno do colonizado, revela não apenas a perda transitória da consciência de sua própria identidade, mas o ganho de outra consciência e de nova identidade, superando o processo de violência descolonizadora.

Palavras-chave: pós-colonialismo; Literatura Africana; Religiosidade; Possessão.

Abstract: Religion, religiosity and the mystical process in the post-colonial context collaborates to sustain the ambivalence of colonization between the group of colonizers and the colonized, and their deities respectively (white and black). It is this ambivalence that the novel *O outro pé da Sereia* (2006), by the Mozambican Mia Couto, opens up as a reflection of multiculturalism and syncretic demonstrations. In this process we observe, with Fanon (1961), that possession as a phenomenon of the colonized not only reveals a transient loss of consciousness of its own identity, but the gain of another consciousness and new identity, overcoming the process of decolonizing violence.

Keywords: post-colonialism; African Literature; Religiosity; Possession.

Any study of the colonial world should take into consideration the phenomena of dance and of possession. (FANON, 1961 ,p.44)

1 Colonização, invasão e possessão

A *possessão*, estado de possesso, que coincidentemente também é sinônimo para colônia (LUFT, 2001, p.531) é uma condição em que certas pessoas acreditam estar sendo controladas por demônios, espíritos ou entidades dos mais variados tipos. É uma crença bastante comum em várias religiões e seitas, desde crenças tribais de natureza primitiva a várias igrejas cristãs neopentecostais modernas.

Casos de possessão eram conhecidos na antiguidade clássica, mas era o “demônio de Sócrates” e não deve ser classificado como um caso de automatismo sensorial. Em nossos

* Doutorando de Estudos Literários da UEL (Universidade Estadual de Londrina), prof. de Língua e Literatura Inglesa do Centro Universitário de Maringá, líder do grupo de pesquisa sobre Literatura, Pós-colonialismo e Estudos Culturais

dias, são relatados pela maior parte da Ásia, da África e da Polinésia, parecendo também ocorrer na América.

Possessão é o controle do corpo e da mente humana por um suposto espírito (divindade, força, deus, demônio, gênio etc) alienígena. De um ponto de vista antropológico pode ser convenientemente classificado como: (a) sugestivo/intencional, (b) demoníaca, (c) patológica, de acordo com o entendimento da razão ou o efeito da invasão espiritual da pessoa possuída. Assim, da mesma forma que o estupro é uma imagem simbólica da colonização (LOOMBA, 1998), a possessão torna-se um fenômeno metonímico da própria invasão colonial, no qual o indivíduo possesso é a própria colônia, invadida por um ser desconhecido que toma posse de tudo o que é seu. Mas nem sempre o invasor é desconhecido, às vezes, a divindade que assume o corpo do possesso é seu protetor, ou um deus particular, que apenas reforça seu poder nato, transformando-o em um ser plural (dois em um).

Em *O outro pé da sereia* (2006), romance do moçambicano Mia Couto, vemos casos de transe e possessões que variam de grau e importância.

Nos dois casos aqui analisados sempre é a imagem de Nossa Senhora que rodeia os possessos. A imagem traz um poder que abala a fisiologia e a psique dos que a ela possuem, como podemos observar no trecho: “porem no momento em que abraçou a Virgem, o pastor sentiu-se tomado por uma tontura e zonzeou pelo espaço como um bêbado [...] dançava com a estátua” (COUTO, 2006, p.38).

O transe em que Zero mergulhou será mais bem observado em outros dois casos no romance: o da esposa Mwadia Malunga e do escravo Nimi Nsundi.

2 Possessão, ambivalência colonial, identidade e resistência

O fenômeno da possessão é, para muitos, uma forma de dissociação da personalidade em que muitos dos sintomas observados podem ser considerados de natureza histórica. Aqueles que têm uma dissociação apresentam uma perturbação dos processos de ideação, que ocorrem de forma espontânea e sem que o indivíduo tenha condições de relacionar coerentemente as partes com o todo. É como se, em uma personalidade aflorasse de repente, outras personalidades muito diferentes, cada qual com um comportamento próprio, gerando um papel indefinido – És quem agora? Tal estrutura é bem semelhante ao conflito identitário presente nas colônias invadidas, já que a partir da colonização, todos os indivíduos participantes deste processo (colonizados e colonizadores) migram constantemente de esferas sociais, políticas e religiosas. Não raro, reis tornam-se escravos; sujeitos em objetos; subalternos em mestres (como o caso da colonização Australiana, em que os condenados

ingleses tornam-se colonos [mestres] em terras aborígenes) e vice-versa - uma resignificação do papel de todos. No processo colonizatório há constantes conflitos identitários, já que a identidade não é uma estrutura fixa e monolítica, mas representação e construção de uma realidade articulada nas relações de poder gerando processos de subjetificação, outremização e objetificação, como exemplos.

Esta desintegração da personalidade, esta cisão e dissolução, tudo isso cumpre uma função primordial no organismo do mundo colonial, a dupla identidade, o ser binário, dúbio, dialético, híbrido, etc. (FANON, 1961, p. 45). Nesta ambivalência colonial, na qual a imagem pura e uma é ilusória, a transição de identidades do possesso é um elemento de resistência, pois anula por momentos a dialética *Outro/outro*. A pantomima desorganizada torna-se uma das armas do nativo.

O sincretismo e a invocação de seres do além (possessão intencional) tornam-se apenas convocações de ‘mais um’ para a guerra. E, nesta ‘guerra’, o indivíduo duplicado (dois em um) sai ganhando frente ao invasor. A possessão é um fenômeno subversivo que altera o discurso de alteridade, ferindo as identidades e anulando as supostas imagens pré-determinadas do “quem é quem no mundo colonial”.

[...] They make use of that last resort – possession by spirits. Formerly this was a religious experience in all its simplicity, a certain communion of the faithful with sacred things; now they make of it a weapon against humiliation and despair; Mumbo-Jumbo and all the idols of the tribe come down among them, rule over their violence and waste it in trances until it is exhausted. At the same time these high-placed personages protect them; *in other words the colonized people protect themselves against colonial estrangement*¹ [...] (SARTRE apud FANON p. 1961, p.p 16, 17. Grifo meu).

Desta forma, analisaremos dois momentos do romance o *Outro pé da Sereia*, que revela as duas faces do processo de possessão – no período colonial, como Nimi Nsundi e do período pós-independência com Mwadia Malunga, e de que forma o fenômeno de possessão espiritual pode ser encarado como processo político e subversivo.

3 A possessão de Nsundi

Nsundi é um escravo capturado no reino do Congo pelos portugueses, que protagoniza a estória do romance no período colonial (1560 -1561). Seu nome reflete bem suas concepções identitárias, já que Nsundi era o nome de uma província do antigo Reino do

¹ [...] Que fazem uso desse último recurso - a possessão por espíritos. Antigamente isso era uma experiência religiosa em toda a sua simplicidade, uma certa comunhão dos fiéis com as coisas sagradas, agora que fazem dela uma arma contra a humilhação e desespero; Mumbo-Jumbo e todos os ídolos da tribo descem entre eles, a regra mais sua violência e desperdiçá-lo em transe, até que seja esgotada. Ao mesmo tempo, estes alto-colocados personagens protegê-los, em outras palavras, os povos colonizados se protegem contra a alienação colonial (Tradução minha).

Congo, cuja capital estendia-se sobre o Rio Inkisi, hoje na moderna Angola. Apesar de estar sobre o oceano, encarcerado em uma caravela, tinha a esperança de voltar para sua terra, mesmo em espírito, afinal em sua crença, só o corpo morria: “sonhava emigrar do seu mundo. Pudessem ele inventar asas que o levassem para um outro céu. Esse céu era o Reino do Congo, de onde fora arrancado e para onde, em sonhos, sempre regressava.” (COUTO, 2006, p. 59). Baseado nesse dogma de continuidade pós-morte, o escravo almejava a liberdade contatando com o que já partiram.

A cena que aborda o encontro dos dois mundos inicia com Nsundi tocando a *Mbira*, pequeno xilofone feito numa cabaça, com teclas metálicas, o maior símbolo da cultura Xona [etnia banto]. “*Mbira* became the most popular type in Zimbabwe by the end of the twentieth century. Shona *mbira* is performed primarily for collective religious ceremonies for the ancestors”² (ZELEZA; EYOH, 2002, p.373). O instrumento migrou para Moçambique junto com seus tocadores e sacerdotes. O uso religioso da *Mbira* é observado no trecho “não fazia uso dos tambores nem das *mbiras* para convocar os espíritos” (COUTO, 2006, p. 16). O trecho anterior refere-se a Zero, marido de Mwadia que, já cristianizado (?), nega-se a usar o instrumento que convoca os espíritos.

Mas, o escravo Nsundi tocava *mbira*, pois aquilo pertencia a sua identidade religiosa: “Era Nimi Nsundi que tocava *mbira*. O negro violava, de novo, a interdição de cantar, dançar, tocar. O som ampliado pela pequena cabaça ecoava no porão [...]” (COUTO, 2006, p.202). Aqui observamos que não é só a maestria de Mia Couto em usar jogos de palavras (violava/tanto para violar uma regra como para dedilhar os cordões da *Mbira*), mas observamos a sua capacidade de, em poucas palavras, expor a situação da Nau: eram proibidas manifestações religiosas dos colonizados; os escravos ficavam em um local segregado dos demais (porão); Nsundi era subversivo; Nsundi sabia usar a *Mbira*.

Mas é nos trechos seguintes que observaremos a maior caracterização da cena, a de que Nsundi podia ser ponte entre os mundos dos vivos e dos mortos:

A harmonia da *mbira* semeava uma estranha tranquilidade. À medida que tocava, porém, Nimi Nsundi ia ficando tenso, quase possuído. Depois, olhando melhor, os portugueses repararam: em redor da cabaça se espalhava um líquido. Primeiro, pareciam gotas de suor. Não eram. Era sangue que lhe escorria dos dedos.

- Pára de tocar, Nimi Nsundi!, ordenou D. Gonçalo.

- Os seus dedos já estão em carne viva, avisou Antunes.

O homem, em transe, não escutava (COUTO, 2006, p.203).

² *Mbira* tornou-se o tipo (de instrumento) mais popular no Zimbabwe no final do século vinte. *Mbira* Xona foi primariamente tocada em cerimônias religiosas coletivas em homenagens aos ancestrais. (Tradução minha).

O frenesi do transe/possessão flagelava o corpo do escravo que se transformava em dois. Naquele momento, o escravo era Nsundi e ao mesmo tempo a deusa Kianda.

A proibição de tocar, cantar e dançar esta intimamente ligada às ordens dadas por Pe. Antunes e D. Gonçalo ao escravo. A ordem fora pretexto para encerrar o êxtase que se iniciara.

Em 1560, Portugal já colonizara Angola e outras partes da África. As manifestações anímicas dos africanos já eram de conhecimento da coroa e do Clero português. Mais de 50 missões católicas se dedicaram a “civilizar” os negros angolanos, entre 1574 e 1890 (ARCHER, 1957). Quando o colonizador impede manifestações religiosas do subalterno, está caracterizando uma defesa a si e a sua ideologia. As manifestações religiosas do colonizado são armas de contra-ataque ao colonizador. No período colonial, a *Ki-mbanda*, isto é, uma das artes de vaticínio e cura desenvolvida pelos povos banto, de Angola e Congo, feita sempre mediante o chamamento dos espíritos dos antepassados, cujo transe era um dos sistemas mais conhecidos, eram estritamente proibidos pelos portugueses. Os europeus, na defesa dos seus interesses, tornaram ilegal o culto aos espíritos e os rituais de possessão, afirmando que compactuavam com o demônio. De 1532 a 1888, os portugueses enviaram muitos sacerdotes africanos para a escravidão, colocando o catolicismo na posição que outrora era pertencente aos *nyangas*:

A implantação do cristianismo em Angola, como noutras colónias, teve papel decisivo nas mudanças sociais: contribuiu para alterar noções de propriedade e sistemas de herança, estrutura familiar, as práticas diárias na alimentação, no vestuário, na educação dos filhos, etc. A acção das instituições missionárias no mundo rural foi, durante décadas, uma via de aculturação mais importante [...] (NETO, 1997, p.336).

O motivo da proibição era que o possesso teria a capacidade de através do contato com os antepassados legitimar ações de propriedade, leis, heranças, e até mesmo insuflando revoluções como aconteceu no Haiti, cujos sacerdotes e divindades do *voodoo*, tiveram grande participação na revolução.

As ordens dos sacerdotes cristãos no romance não estavam ligadas à pena ou dó do escravo, até porque em outras passagens a vida de Nsundi não valia nada, pois nem alma tinha. Para D. Gonçalo “a pele escura não ajudava a ver neles uma alma” (COUTO, 2006, p.201). As ordens visavam anulação do processo de substituição da imagem do outro, isto é, quando possesso Nsundi não era mais o negro, o escravo, o colonizado, mas um ser desconhecido, que anulava o processo de alteridade.

Derrida observa que a alteridade é irreduzível quando partida do Outro (colonizador), e a construção da imagem que servirá de parâmetro para o processo de diferenciação (sou a

partir do que você não é), baseia-se na exteriorização, isto é, a imagem da diferenciação excede o “eu” do outro, mas se faz a partir do que é visto (DERRIDA, 2005, p.13).

Assim, a lógica do olhar (aquele ainda é Nsundi) é cancelada pela dramatização performática da possessão. Nsundi se anula como tal.

Tal desempenho que culminou em sudorese, sangue saindo das pontas dos dedos, inaudível ladainha (COUTO, 2006, p. 203), era obra do além, conforme atesta seu companheiro, o escravo Xilundo: “Há alguém tocando através do seu corpo” (COUTO, 2006, p.203).

A cena entra em *declínio dramático*, quando Nsundi ainda possesso fala um idioma irreconhecível pra todos (COUTO, 2006, p.203); tal fenômeno, presente nos casos de possessão é chamado glossolalia, do grego γλώσσα, "glóssa" [língua]; λαλώ, "laló" [falar]) é um fenômeno onde o indivíduo crê expressar-se em uma língua por ele desconhecida. Segundo o *Rituale Romanum* (1964), além de habilidades paranormais, manifestação de força física sobre-humana, o falar em línguas é uma das outras características que acompanham o possesso. Bernardi (*apud* SANTOS) comenta que no:

contato com a divindade e os espíritos [...] o homem atinge a sua máxima expressão com a visão, a possessão e a união mística. [...] No possesso dá-se como que uma *dissociação da personalidade*. O fenômeno é acompanhado de muitas outras manifestações, mais ou menos marginais: como tremores, *suores*, baba, predições, *grunhidos*, *glossolalia*, *mudança de identidade pessoal*, força hercúlea, debilidade entre outros. (SANTOS, 2002, p.34. Grifo meu)

O fenômeno só é interrompido quando D. Gonçalo pede que Nsundi (possesso por Kianda) pare em nome de Nossa Senhora, isto é, uma clara obediência à imagem sincrética da deusa que cultua e a Santa Cristã. “Por Nossa Senhora, Pára de tocar! Insistiu Silveira” (COUTO, 2006, p. 203). O sincretismo é tão enraizado na mente de Nsundi, que “Por Nossa Senhora” equivale o respeito à “Por Kianda”, já que ambas se correspondem no universo do hibridismo religioso.

Além da possessão, o romance revela outro fenômeno: a psicografia. Dia Kumari encontra uma carta atribuída a seu amado Nsundi: “[...] E agora que lhe escrevi esta carta, vejo que esta letra não me pertence, é letra de mulher. Meus Pulsos delgados se recolhem ao peso de um cansaço de séculos. Meus dedos não têm gesto, meus dedos são o próprio gesto. Eu sou a Santa” (COUTO, 2006, p.114).

Após o fenômeno, Nsundi não fora encontrado no porão. Dois grumetes da nau traziam o corpo nu do escravo, morto, com teclas da *Mbira* nos pulsos como o Cristo. Tal morte foi premeditada por Nsundi, afinal sua ambição era comungar dos braços da

Virgem/Sereia, como *La Pietá* de Miguelangelo, em que o Cristo morto é acariciado no colo de sua mãe, a Virgem Maria.

A possessão torna-se uma das práticas de violência rumo aos planos de liberdade como refere Fanon (1961, p. 45). Nsundi “já chegara à sua terra, estava-se lavando nas areias brancas do rio Congo” (COUTO, 2006, p. 204), uma analogia ao mito fúnebre dos bantos. Agora morto, Nimi Nsundi finalmente é liberto do cativo colonial – comunga lado a lado daquela que o possuía – a sereia negra Kianda.

4 A possessão de Mwadia

Séculos depois, é a suposta possessão de Mwadia Malunga que terá importância no romance de Mia Couto, já que esta personagem é protagonista e o elo entre todas as histórias do livro.

Diferente do fenômeno acontecido com o escravo cinco séculos atrás, “o oráculo de Mwadia tinha feito mais vítimas do que enchentes dos grandes rios” (COUTO, 2006, p. 270). O narrador alerta sobre a veracidade do fenômeno, gerando possível dúvida ao leitor. Tal dúvida também habitava a mente da mãe de Mwadia, Dona Constança, que em certo ponto interrogava a filha:

- Minha filha, me responda: você está sendo mesmo visitada?
- Por quem?
- Ora por quem? Pelos que dormem, pelos espíritos.
- Claro que estou mãe. Não foi isso *que combinamos*, que eu era visitada pelos *Muzimos*?³ (COUTO, 2006, p.237. Grifo meu).

Tudo era fabricado por Mwadia com “veracidade” como conclui o narrador (COUTO, 2006, p. 236). Todavia, é impossível termos certeza se o fenômeno é fraude ou apenas desencadeado a partir do manuseio do diário de bordo da nau Nossa Senhora da Ajuda. Mwadia sempre foi destinada, segundo a família, como uma *nyanga* – “estava a ser chamada” (COUTO, 2006, p. 236).

A dúvida da veracidade dos transe de Mwadia culmina quando ela e sua mãe ficam sós no quarto onde todas as noites descortinava-se a passagem entre os mundos dos mortos e vivos. Lá “onde decorreram as convulsões do transe. Dona Constança limpou o rosto transpirado da filha e aguardou que ela regressasse ao mundo” (COUTO, 2006, p.269).

Constança questionou a filha, se desta vez fora mesmo visitada: “Não minta, filha. Você sabia disto tudo porque leu nos livros?” (COUTO, 2006, p.269). Mwadia, no entanto,

³ Espíritos dos antepassados familiares.

responde: “Agora minha mãe, eu vou lendo livros que nunca ninguém escreveu” (COUTO, 2006, p.269). A resposta de Mwadia pode indicar que realmente naquela noite fora visitada por aqueles que estiveram junto com a imagem de N. Senhora, em meados de 1560.

Além disso, a caracterização da possessão era incrivelmente verossímil como observamos: “Água, vejo água, exclamou Mwadia, a voz distorcida como se as palavras emergissem líquidas. - Está possuída, ela já está possuída, concluiu Casuarino [...]” (COUTO, 2006, p. 233). “A voz de Mwadia tinha-se tornado irreconhecível, máscula, rouca, catarrosa” (COUTO, 2006, p.234). Mais à frente temos: “Nesta noite, Mwadia já entrara em transe quando os americanos ocuparam o quarto. Os olhos lhe flutuavam nas órbitas, a espuma escorria num canto da boca. A rouquidão tornava-lhe a fala quase imperceptível.” (COUTO, 2006, p.267).

As cenas nas quais Mwadia estaria possessa pelos seres que habitavam as Caravelas de 1560 estão ligadas ao elemento ‘água’. “Água, é tudo água, repetia Mwadia. São ondas e ondas, rios cujas margens são rios, vou num oceano sem fim” (COUTO, 2006, p. 233). Mwadia assumia seu próprio nome – uma canoa, navegando nos mares tortuosos ora dos vivos ora dos mortos.

A esposa de Zero supostamente estaria sendo possuída pelo espírito do escravo Nimi Nsundi:

– E quem é você? Perguntou Casuarino. Dirigindo-se ao espírito que habitava o corpo da moçambicana. – Eu sou um escravo negro. Estou embarcando de Goa para Moçambique, esta é a viagem de regresso à terra onde nasci. [...] Eu sou do outro lado de África. Saí em menino, fui levado para a Índia faz tanto, tanto tempo que, agora, quase me sinto natural de Goa [...] (COUTO, 2006, p. 234).

Mwadia, a cada manifestação, murmurava profecias, como a da ancestralidade afro de Benjamin Southman, o americano que decide investigar seu elo com a África.

A possuída ergueu os braços e agitou o corpo, como um pêndulo cego. O americano acompanhava o balanço em patética dança, espreitando o rosto da moça a adivinhar, nos seus esgares, a ansiada revelação (COUTO, 2006, p. 268).

Não eram revelações pessoais que Mwadia fazia, mas revelações culturais. O título do capítulo é *Devaneios, Farsas e Visitações*, isto é, a partícula aditiva “E” comprova que além de farsas e devaneios houvera sim, visitasões. Mas seriam visitasões de deuses e espíritos? Ou de uma história da qual estes faziam parte?

As lembranças do passado estavam sendo ressuscitadas nos lábios de Mwadia Malunga, não era Mwadia que estava a falar (COUTO, 2006, p.268), mas sim o ‘testemunho colonial’. Sem perceber Mwadia trazia consigo lembranças e identidades que ajudariam a

todos ali presentes a entender suas histórias, passado e elos. Mesmo não possuía, trazia as lembranças dos textos que lia toda noite, manifestando muito mais que fantasmas e assombrações, mas sim “identidades culturais”.

Os livros e os manuscritos eram suas únicas visitas. De dia, ela abria a caixa de D. Gonçalo da Silveira e perdia-se na leitura dos velhos documentos [...] Nesses últimos dias, Mwadia fechava-se no sótão e espreitava a velha documentação colonial. Agora ela sabia: um livro é uma canoa. (COUTO, 2006, p. 238).

O livro tornava-se metáfora de uma canoa e ao mesmo tempo da própria Mwadia. Da mesma forma que a canoa simbolizava a ponte entre os mundos, o livro fazia o mesmo papel. Diferente do fenômeno espiritual de Nimi Nsundi, as revelações não eram advindas dos mortos, mas do que eles testemunharam. O testemunho colonial era o único fantasma que visitava Mwadia – o que fazia “a travessia para o outro lado do mundo, para o outro lado de si mesma” (COUTO, 2006, p. 238).

Na última noite das “visitações” o pedido de Mwadia repetia-se: “Dê-me água mãe” foi o pedido da filha a sua mãe. A sede foi a prova física do cansaço e exaustão daquela noite. Dona Constança observando a filha, acreditava que finalmente, Mwadia “agora estava, inteira, dentro do corpo” (COUTO, 2006, p. 238). Mas, o narrador nos presenteia com a poética que instaura a dúvida – Mwadia era apenas visitada por lembranças?

Nkashamacdestaca que: “La grand forme de théâtralisation se découvre des lans rites de possession⁴ (1979, p.79), isto é, a teatralização é uma das fases do possesso, o que não significa fraude.

Quando adormecesse, a sua boca iria crescer, enorme como ave escura no meio da noite. A boca saíria de si, afastar-se-ia da casa e percorreria a infinita savana. [...] esta emigração pra longe do corpo era uma arriscada doença: a primeira coisa que fazia ao acordar era cuspir poeiras, babugens e espinhos [...] (COUTO, 2006, p. 269 –270)

Reforçando as palavras de Lázaro: “Essa menina, sentenciou o adivinho, devia ter seguido a vocação de vidente” (COUTO, 2006, p. 272). Aliás, quando narra o episódio do batismo de Mwadia, Lázaro confirma que “a pequena Mwadia começou a entrar em delírio, possuída por um espírito” (COUTO, 2006, p. 273), isto é, já tinha o dom de navegar pelos mares do além túmulo.

Tal como Nimi Nsundi, a possessão de Mwadia trazia uma alienada liberdade; sair de seu tempo e do seu espaço durante o “transe”, a levava longe da cansativa busca de si mesma, busca essa conjugada às práticas mágicas como observa Fanon (cf. 1985, p.45).

⁴ A grande forma de teatralização se descobre nos ritos de possessão (Tradução minha).

5 Conclusão

A colonização é caracterizada pela posse de terras alheias, e nestes termos, o vocábulo posse torna-se plurissignificativo, revelando também o conceito religioso de transe espiritual. As *possessões* fazem parte do cotidiano colonial africano, tanto do colonizador que invade e possui a colônia, quanto do colonizado, que em suas manifestações religiosas é possuído em rituais de comunhão com seus deuses e divindades. Assim, a partir das análises dos fenômenos de posse de Nimi Nsundi e Mwadia Malunga, observamos que os valores destes momentos ultrapassam o culto religioso, a manutenção das tradições e o resgate do discurso antepassado, culminando com a subversão do discurso e da imagem pseudo-estática da dialética colonial (outro/ Outro, inferior/superior, *antropo/teo*, invasor/invadido, etc) como observado no escravo Nimi Nsundi. Da mesma forma, também se revelam como resgate identitário para Mwadia, através do testemunho colonial advindo das “vozes” do passado, não dos mortos, mas de personagens presos em livros e manuscritos que traduzem a história da colonização dos povos aqui citados.

Desta forma, tanto Mwadia quanto Nsundi mostraram através das cenas nos quais seus corpos foram invadidos por seres de outro mundo (geográfico e temporal) que na literatura pós-colonial muitas das manifestações religiosas são metáforas do sistema cruel colonizatório, no qual identidade, memória, resistência e subversão são os reais gênios que invadem os corpos do indivíduo (pós) colonial.

Referências

- COUTO, M. *O outro pé da sereia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- DERRIDA, J. *Pensar a desconstrução*/ Evandro Nascimento (org.), São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- FANON, F. *The Wretched of the Earth*. London: Penguin books, 1961.
- LOOMBA, A. *Colonialism/postcolonialism*. New York: Routledge, 1998.
- LUFT, C. P. *Minidicionário Luft*, 20 ed. Ed. Ática: São Paulo, 2001.
- NKASHAMA, P. N. *La littérature africaine écrite*. Issy Moulineaux: Édition Saint-Paul, 1979.
- NETO, M. da C. *Ideologias, contradições e mistificações da colonização de Angola no século xx*. pp. 327-359. In: Lusotopie 1997.
- RITUAL ROMANUM (1964). Disponível em < www.sanctamissa.org/en/resources/books-1962/rituale-romanum/index.html > Acesso em 01 set 2009.
- SANTOS, V. R. *Tempos de exaltação*. 1º. ed. São Paulo: Annablume, 2002.
- ZELEZA, P. T. EYOH, D. *Encyclopedia of Twentieth-century African history*. Routledge-Taylor & Francis Books, 2002.